

TEMA: **Mulheres em Goiás**

“Eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores.”

Cora Coralina

É lugar comum dizer que a mulher tem a força e a sensibilidade necessárias para enfrentar as batalhas cotidianas da vida em sociedade. A desenvoltura, a delicadeza, a força, a responsabilidade, a capacidade de realizar multitarefas lhes dão habilidades caras ao mundo moderno. Elas estariam preparadas para superar, a sua maneira, os mesmos obstáculos que afligem igualmente os homens.

Contudo, somente após mais de 120 anos o Brasil teve novamente uma mulher no comando do país. A primeira, e até pouco tempo a única, foi a Princesa Isabel nos idos de 1871, ainda na monarquia. A jovem princesa assumiu a direção da nação por três vezes, ficando no poder por mais de três anos. Na última dessas passagens decretou o fim da escravidão e se tornou uma das figuras mais emblemáticas da história brasileira.

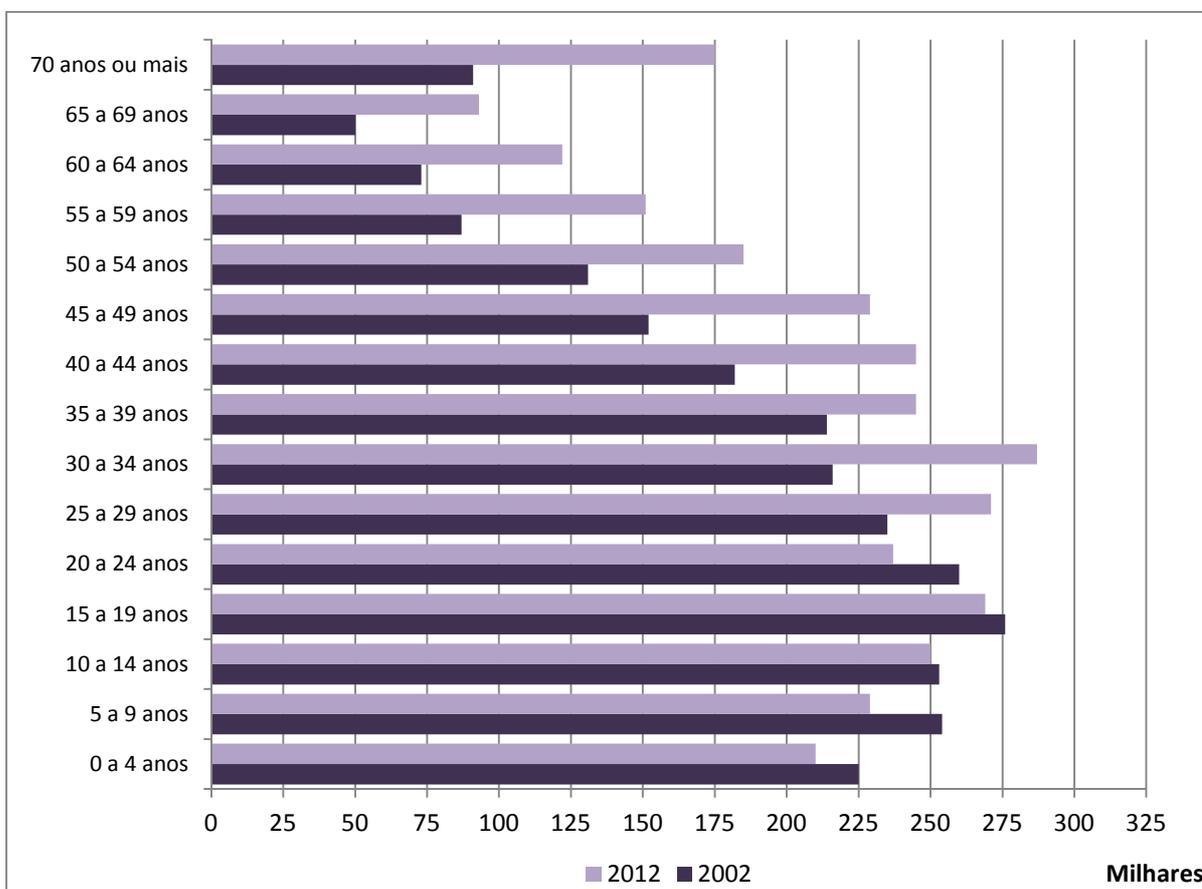
Na República, somente governantes homens até a segunda década do século XXI, quando uma segunda mulher passa a comandar a nação. Dos tempos de Isabel para cá, o país mudou drasticamente: já somos a 5ª maior população do mundo, sendo que quase 90% vivem nas cidades; temos o 7º maior Produto Interno Bruto do planeta; as mulheres, mesmo tardiamente, ganharam direito ao voto, acenderam política e profissionalmente e se tornaram a maioria da população (mais de 51% segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - Pnad/2012).

Mesmo sendo a maioria na sociedade, a participação feminina no parlamento brasileiro ainda é discreta, revelando um longo caminho a ser percorrido. Dos 594 congressistas nacionais menos de 11% são do sexo feminino. São 54 parlamentares mulheres num universo de mais de 100 milhões de vozes femininas. Em Goiás, há apenas duas mulheres dentre os 17 deputados estaduais, muito pouco quando se lembra de que faz mais de 60 anos que a primeira mulher, Berenice Artiaga, se elegeu deputada para casa de leis goiana, nos idos de 1951. Destaca-se que dos três senadores goianos, um é mulher.

A Pnad/2012 mostrou que a participação feminina na população de Goiás cresceu quase 0,3% se comparado aos dados de dez anos atrás. Nesse período, foram acrescentadas em torno de 500 mil mulheres, perfazendo hoje aproximadamente 3,2 milhões de goianas, que representam 50,8% da população do estado. Entretanto, o incremento feminino foi nitidamente de mulheres adultas, como atesta o Gráfico 1.

TEMA: **Mulheres em Goiás**

Gráfico 1. Total de mulheres em Goiás por faixa etária – 2002 e 2012



Fonte: Pnad/2002 e 2012.

Elaboração: Instituto Mauro Borges/Segplan-GO/Gerência de Estudos Socioeconômicos e Especiais, 2014

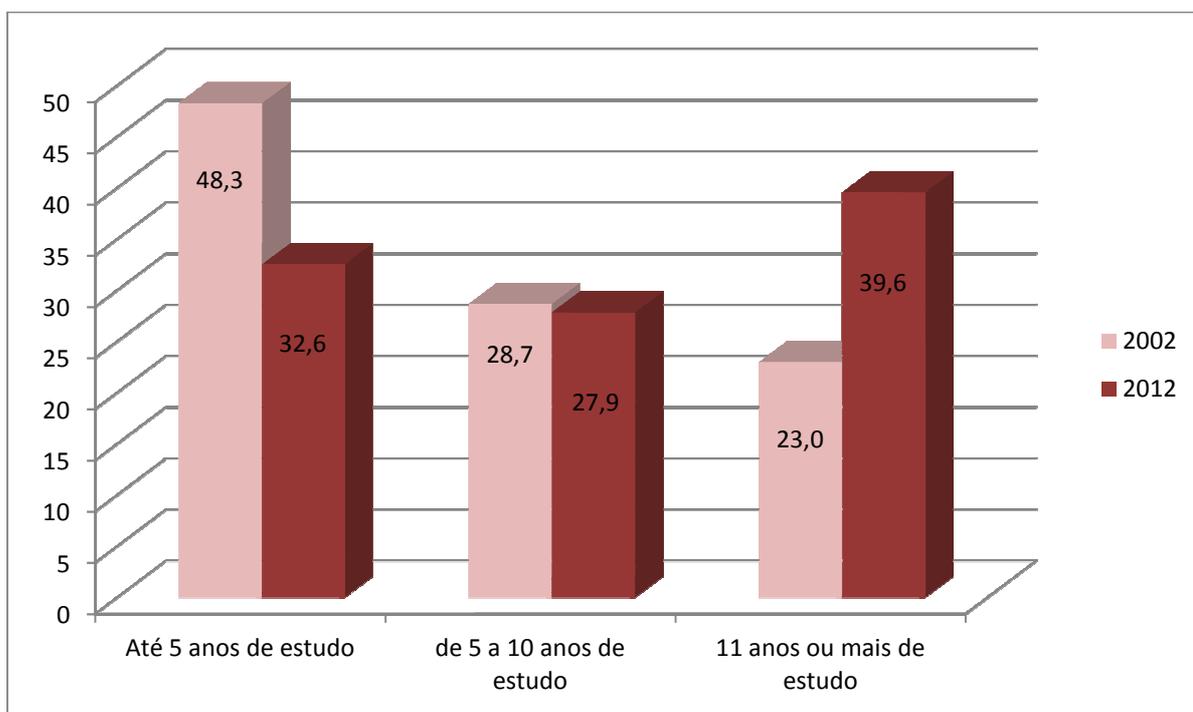
Nos últimos dez anos, nota-se que a participação das mulheres mais jovens tem diminuído bastante. Aliás, os grupos de 0 a 24 anos foram os únicos que apresentaram decréscimo. Observa-se o amadurecimento da mulher goiana: em 2002, 56% das goianas tinham menos de 30 anos; o quadro se inverte em 2012, em que 54% têm 30 anos ou mais. Em 2002, ainda, o grupo de maior representatividade era o de 15 a 19 anos; em 2012, o grupo com mais mulheres é o de 30 a 34 anos. Outro fato que chama atenção é o aumento do número de mulheres com mais de 70 anos. Esse grupo cresceu mais de 90% no período em análise (o maior crescimento dentre todos), saindo de uma representatividade em torno de 3% para mais de 5% do total de mulheres.

Outro fator que se alterou na década 2002/2012 foi o número de mulheres por ano de estudo. Em 2002, no estado de Goiás 48% das mulheres tinham apenas até 5 anos de estudo (veja Gráfico 2). Esse percentual diminuiu bastante em dez anos, descendo para pouco mais de 32%. Na ponta de cima surge, em 2012, o grupo com 11 ou mais anos de estudo. A participação desse grupo quase que dobrou em dez anos, saltando de 23% em 2002 para 39,6% em 2012, evidenciando o avanço da qualificação feminina no estado. Somente para efeito de comparação, mesmo com uma evolução significativa a maioria dos homens

TEMA: **Mulheres em Goiás**

(36,5%) tem até 5 anos de estudos; os com 11 anos ou mais de estudo somam 32,5% (segundo a Pnad/2012).

Gráfico 2. Porcentagem de anos de estudos das mulheres – Goiás – 2002 e 2012



Fonte: Pnad/2002 e 2012.

Elaboração: Instituto Mauro Borges/Segplan-GO/Gerência de Estudos Socioeconômicos e Especiais, 2014.

O aumento nos anos de estudos é reflexo do avanço nos níveis de escolarização da população em geral e das mulheres especialmente. Pela Tabela 1, percebe-se que a participação feminina aumenta à medida que o nível de ensino se eleva. Tem-se, assim, que elas representam cerca de 57% do contingente cursando o ensino superior.

Tabela 1. Porcentagem de pessoas que frequentavam estabelecimentos de ensino em Goiás por nível de ensino e sexo – 2012

Nível de ensino	Mulheres	Homens
Educação infantil	48,2	51,8
Alfabetização de adultos	50,0	50,0
Fundamental	49,3	50,7
Médio	50,8	49,2
Superior	56,9	43,1

Fonte: Pnad/2012.

Elaboração: Instituto Mauro Borges/Segplan-GO/Gerência de Estudos Socioeconômicos e Especiais.

TEMA: **Mulheres em Goiás**

O resultado de haver mais mulheres em cursos de nível superior é a maior participação delas no mercado formal, quando se analisa essa escolarização. Como atesta a Tabela 2, de todos os trabalhadores de Goiás com ensino superior completo, 61% são do sexo feminino. Elas também são maioria dos pós-graduados (mestres e doutores), 54,6%, apesar de existir menos doutoras que doutores. Se se levar em conta apenas aqueles que possuem mestrado, as mulheres correspondem a mais de 56% dessa categoria de trabalhadores.

Tabela 2. Número de trabalhadores por escolarização* e sexo – Goiás - 2012

Escolarização	Mulheres	Homens
Analfabeto	734	5.320
Ensino Fundamental	54.049	109.474
Ensino Médio	247.642	323.471
Ensino Superior	132.421	84.830
Mestrado	1.827	1.419
Doutorado	389	427

Fonte: MTE/RAIS/2012.

Elaboração: Instituto Mauro Borges/Segplan-GO/Gerência de Estudos Socioeconômicos e Especiais, 2014.

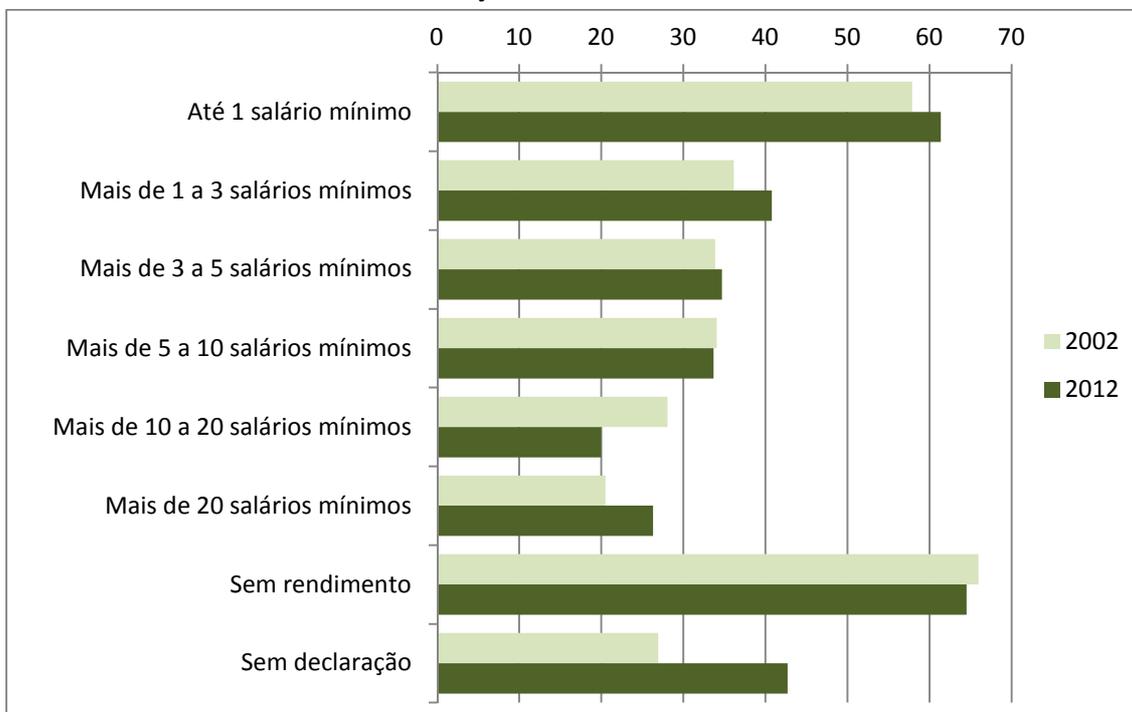
* Não inclui os níveis de escolarização incompletos.

Há que se destacar, ainda de acordo com a Tabela 2, o baixo percentual de mulheres analfabetas no mercado de trabalho. Dos 6.054 analfabetos trabalhando em Goiás em 2012, apenas 12% eram do sexo feminino. No universo desse gênero (sem considerar aqueles com escolarização incompleta), as analfabetas representam menos de 0,2%, enquanto que as com curso superior somam mais de 30%.

É interessante perceber que apesar da maior qualificação das mulheres, isto não resulta em melhor remuneração. A Gráfico 3 mostra que dentre os altos salários a força feminina ainda tem muito a conquistar. Na faixa de remuneração dos que ganham entre 10 e 20 salários mínimos, apenas 20% são mulheres, havendo, inclusive, um recuo de oito pontos percentuais nessa faixa. No grupo dos que recebem mais de 20 salários mínimos, nota-se, por outro lado, um acréscimo na participação feminina: em 2012 elas eram cerca de 26%, frente aos 20% de 2002.

TEMA: **Mulheres em Goiás**

Gráfico 3. Porcentagem de mulheres, em relação aos homens, com mais de 10 anos por remuneração – Goiás – 2002 e 2012



Fonte: Pnad/2002 e 2012.

Elaboração: Instituto Mauro Borges/Segplan-GO/Gerência de Estudos Socioeconômicos e Especiais, 2014.

Compondo o cenário da desigualdade na remuneração feminina, faz-se necessário ressaltar a porcentagem de mulheres dentre as menores remunerações. Daqueles que recebiam até um salário mínimo em 2012, os homens representam 39%, os outros 61% eram do sexo feminino. O aumento de três pontos percentuais e meio, em comparação a 2002, revela que elas seguem sendo muito mal remuneradas pelo seu trabalho. Dos declarados sem rendimento, a despeito da pequena redução nos últimos dez anos, a cifra de 64,5% de mulheres é bastante elevada em nossa sociedade.

As dissonâncias entre as remunerações femininas e masculinas em parte podem ser explicadas pela natureza dos trabalhos desempenhados por ambos. Pela Tabela 3, percebe-se que dentre os dirigentes e gerentes (aí incluídos os membros superiores, os diretores e gerentes dos setores públicos e privados), ou seja, os setores de comando, a maioria (56%) é composta por homens. Ao se aprofundar nos dados da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS – do Ministério do Trabalho e Emprego, ver-se-á que do total de membros superiores e dirigentes do poder público, 58% são mulheres, revelando que nesse setor elas têm encontrado espaço de destaque.

TEMA: **Mulheres em Goiás**

Tabela 3. Trabalhadores por tipo de vínculo selecionado e sexo – Goiás – 2012

Tipo de Vínculo	Mulheres	Homens
Dirigentes e Gerentes	27.762	35.235
Pesquisadores e Profissionais Policientíficos	129	227
Profissionais das Ciências Exatas, Físicas e da Engenharia	1.500	6.467
Profissionais das Ciências Biológicas, da Saúde e Afins	9.057	7.712
Profissionais das Ciências Sociais e Humanas	15.284	8.695
Profissionais do Ensino	53.547	15.601
Professores Leigos e de Nível Médio	15.808	3.045
Técnicos de Nível Médio das Ciências Físicas, Químicas, Engenharia e Afins	2.231	13.877
Técnicos de Nível Médio das Ciências Biológicas, Bioquímicas, da Saúde e Afins	18.046	5.899
Trabalhadores de Atendimento ao Público	56.178	16.139

Fonte: MTE/RAIS/2012.

Elaboração: Instituto Mauro Borges/Segplan-GO/Gerência de Estudos Socioeconômicos e Especiais, 2014.

Ainda pela Tabela 3, notam-se alguns nichos femininos. É o caso dos profissionais de ensino: 77,4% desses trabalhadores são do sexo feminino. Quando se inclui os professores leigos e de nível médio esse percentual aumenta quase dois pontos. Pode-se dizer, portanto, que são as mulheres que educam nossa sociedade.

Outros setores femininos de destaque são o dos trabalhadores de atendimento ao público, em que 77,7% são mulheres; o dos trabalhadores das ciências biológicas, da saúde e afins (incluindo os de nível técnico), com 66,6% de força feminina; e, o dos profissionais de ciências sociais e humanas – 63,7% de mulheres. Esses números, além dos que mostram os nichos masculinos, revelam que há setores em que elas, e também eles, encontram maior facilidade em se estabelecerem.

O Ministério do Trabalho e Emprego informa que em 2012 havia um milhão e 450 mil trabalhadores em Goiás. Desses, 42% eram mulheres. Elas tinham uma remuneração média em dezembro daquele ano de R\$ 1.596,21 – 15% menor que a média masculina. Mais surpreendente que a remuneração média feminina no geral, é a comparação entre as remunerações pelos tipos de vínculo trabalhista.

TEMA: **Mulheres em Goiás**

Tabela 4. Remuneração média em dezembro/2012 por tipo de vínculo selecionado e sexo – Goiás – R\$

Tipo de Vínculo	Mulheres	Homens
Dirigentes e Gerentes	2.442,95	3.549,40
Pesquisadores e Profissionais Policientíficos	5.488,12	8.256,83
Profissionais das Ciências Exatas, Físicas e da Engenharia	4.835,61	5.417,16
Profissionais das Ciências Biológicas, da Saúde e Afins	3.201,84	4.364,88
Profissionais das Ciências Sociais e Humanas	2.632,94	5.802,75
Profissionais do Ensino	2.888,39	3.329,37
Professores Leigos e de Nível Médio	2.148,78	1.486,83
Técnicos de Nível Médio das Ciências Físicas, Químicas, Engenharia e Afins	2.043,65	2.350,80
Técnicos de Nível Médio das Ciências Biológicas, Bioquímicas, da Saúde e Afins	1.237,36	1.813,16
Trabalhadores de Atendimento ao Público	873,71	1.053,49

Fonte: MTE/RAIS/2012.

Elaboração: Instituto Mauro Borges/Segplan-GO/Gerência de Estudos Socioeconômicos e Especiais, 2014.

Pela Tabela 4, nota-se que em apenas um setor (professores leigos e de nível médio) as mulheres tiveram remuneração média maior que os homens. Contudo, se somarmos os trabalhadores da educação (profissionais do ensino e os professores leigos e de nível médio) elas ganharam 11% a menos que eles. É surpreendente perceber a existência de setores em que a força feminina recebe, em média, bem menos que a metade da força masculina. É o caso dos profissionais das ciências sociais e humanas. Entre esses profissionais, as mulheres têm uma diferença de 120% em relação à remuneração média dos homens.

Quais seriam as explicações para que numa mesma condição profissional, com as mesmas exigências de formação, as mulheres ganhem menos que os homens? Há discriminação por parte dos empregadores? Elas aceitariam mais facilmente um salário menor? São questões que devem ser enfrentadas para não haver, principalmente no ambiente de trabalho, discriminação e tratamento desigual entre os sexos.

Outro desafio, além dessa questão, é o combate à violência envolvendo a mulher. O Mapa da Violência 2012, da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, traz as taxas de homicídios femininos no Brasil e nas unidades da federação de 1980 a 2010. No trabalho, vê-se que a taxa brasileira aumentou bastante nesses 30 anos, saindo de uma cifra de 2,3 homicídios por 100 mil mulheres em 1980 para 4,6 em 2010.

Nesse estudo, Goiás aparece em 9º lugar no ranking das maiores taxas de homicídios femininos por estado, com 5,7 homicídios por 100 mil mulheres. No ranking das capitais, Goiânia tem a 7ª maior taxa: 6,8 homicídios. Entre os municípios com mais de 26 mil mulheres, cinco goianos aparecem nesta estatística trágica: Formosa, taxa de 14 homicídios para cada 100 mil mulheres e 20ª posição no Brasil; Jataí, taxa de 13,6 e 21º lugar; Valparaíso

TEMA: **Mulheres em Goiás**

de Goiás, com 11,7 homicídios femininos e 38ª posição; Rio Verde, taxa de 11,6 e 42º lugar; e Águas Lindas de Goiás com uma taxa de 8,8 homicídios e 88ª posição no ranking.

Outro crime que aflige as mulheres e deve ser veementemente combatido pela sociedade é o de estupro. Em 2013, segundo o relatório de ocorrências da Secretaria de Segurança Pública e Justiça de Goiás, foram registrados 442 estupros no estado. Desse total, 31% ocorreram no Entorno de Brasília, 24% em Goiânia e 11% em Aparecida de Goiânia. Há, portando, a concentração de 66% das ocorrências desse crime em três localidades, exigindo esforços robustos para a imediata diminuição desse tipo de violência.

Todos esses dados revelam a necessidade de efetivar e ampliar as conquistas femininas na área da justiça, como a Lei Maria da Penha e as delegacias especializadas em crimes contra a mulher. Urge que todos os entes do Estado assumam a importância de proteger, principalmente dentro do lar¹, a figura feminina, permitindo-a desenvolver suas habilidades e, assim, contribuir para uma sociedade mais justa, igual e fraterna.

Essa proteção deve alcançar não somente a repressão contra a violência direta à mulher, mas abarcar ações que dificultem sua entrada no mundo do crime. O Departamento Penitenciário Nacional em 2011, em trabalho intitulado Mulheres Presas – dados gerais, divulgou que havia 33.289 mulheres presas no Brasil, correspondendo a 6,63% da população carcerária. Em Goiás, em 2011, eram 734 presas nos três estabelecimentos prisionais próprios para o sexo feminino existentes no estado. Esse total equivalia a 6,09% de todos os presos de Goiás naquele ano, uma participação pequena, mas que, em números absolutos, cresceu mais de 22% em apenas três anos.

Dentro da necessidade de criar ações de enfrentamento da violência contra a mulher, o estado de Goiás, por meio da Secretaria de Estado de Política para Mulheres e Promoção da Igualdade Racial, desenvolve programas para atender essa parcela da sociedade. Pode-se citar, assim, o Pacto Estadual pela Não Violência Contra a Mulher; as Unidades Móveis de Atendimento às Mulheres do Campo e da Floresta; implantação de Casas-Abriço para Mulheres em Situação de Violência; apoio às Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher do interior de Goiás, dentre outros.

As mudanças necessárias somente serão possíveis pela inserção das mulheres nas decisões políticas. Aí abrangendo os altos escalões dos governos e os do setor privado. Fazendo parte cada vez mais das diretrizes políticas, as mulheres serão capazes de influir na construção de uma sociedade mais igualitária e democrática, sem qualquer tipo de diferenciação de gênero. Ter tido, em mais de 500 anos de nação, apenas duas mulheres no comando é algo a se refletir. Contudo, pela direção que seguimos, jamais haverá um intervalo tão grande entre uma mulher e outra a conduzir nosso país. Isso também deve ser comemorado, pois reflete as mudanças acontecendo.

Ao nascer, a mulher traz em si os signos de sensibilidade e força. À sociedade cabe a formulação de políticas e ações visando ao fortalecimento das capacidades femininas,

¹ Dados do Mapa da Violência informam que 62,25% dos atendimentos por violência física no Brasil em 2011 cometidos contra mulheres de todas as faixas etárias, tiveram a residência como local indicado.

TEMA: **Mulheres em Goiás**

permitindo seu florescer sem discriminação, violência e dando-lhe condições iguais para traçar seu caminho. E como disse a poeta maior de Goiás: nesse caminhar, com sua força, a mulher terá que remover pedras com certeza, mas também, com sua sensibilidade, poderá plantar as flores que tornarão o caminho mais bonito.